



O VINHO: ALIMENTO DO CORPO E DA ALMA ENTRE A PERDIÇÃO E A SALVAÇÃO

WINE: BODY AND SOUL FOOD BETWEEN PERDITION AND SALVATION

Submetido em: 15/08/2021

Aprovado em: 10/09/2021

Ricardo Luiz de Souza ¹

RESUMO

Neste texto, faço uma análise da simbologia que diferentes religiões, como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e as religiões greco-romanas deram à produção e consumo de bebidas alcóolicas, especialmente o vinho. Tal simbologia situa o vinho entre a salvação e a perdição, conferindo sentidos diversos a ele.

Palavras-chave: simbologia; religião; vinho; salvação.

ABSTRACT

In this paper, I make an analysis of the symbology that different religions, such as Judaism, Christianity, Islam and the Greco-Roman religions gave to the production and consumption of alcoholic beverages, especially wine. Such a symbolism places wine between salvation and perdition, giving it different meanings.

Keywords: *symbology; religion; wine; salvation.*

¹Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, com pós-doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor do Centro Universitário de Sete Lagoas, MG. Contato: riclsouza@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em um artigo, naturalmente de dimensões limitadas, e ao abordar um tema consideravelmente vasto, é indispensável que um recorte severo seja feito – e nesse caso esse recorte foi feito a partir de uma seleção intencional de obras, cobrindo esse tema sem a preocupação de delimitar um período histórico específico. O método de elaboração foi construído, assim, em função do objetivo de ordenar algumas das citações mais relevantes de autores que abordaram essa temática associando-a à religião, deixando que elas ganhem sentido ao serem postas uma após a outra. As interferências nesse percurso foram limitadas, uma vez que os discursos enunciados pelos autores citados são bastante claros, e a intenção foi fazer que a leitura dessas citações concatenadas conduza o leitor às suas próprias conclusões.

A pesquisa acerca do significado do vinho na religião terminou por focalizar, nesse trabalho, a tradição judaico-cristã. Um tópico introdutório sobre esse tema na Antiguidade serviu para incluir nessa discussão autores “de fronteira”, como Clemente de Alexandria. O tópico de Considerações Finais finalizou essa abordagem fazendo menções ao significado do vinho e das bebidas alcoólicas em outras religiões – mas, como foi esclarecido, foram menções restritas, selecionadas em função de ligações muito específicas ao tema. A abordagem feita em relação ao hinduísmo deixou de lado as menções ao consumo do “soma” feitas amplamente no Rig Veda. Também em relação às outras religiões, como o judaísmo e o islamismo muito foi deixado de fora, pelo mesmo motivo: não estender o texto além dos limites razoáveis para um artigo, uma vez que a opção por fazer muitas citações literais já aumentou de forma significativa sua dimensão.

Não se pode falar em um ‘recorte temporal’ porque a temática ultrapassa períodos históricos, mas a pesquisa concentrou-se em obras da Antiguidade, e, em virtude do foco na tradição judaico-cristã, na Bíblia e em outras obras relacionadas à Igreja Católica. As referências à Idade Média europeia estão de alguma forma associadas ao predomínio da fé cristã naquele continente, naquele período. O mesmo se aplica às menções feitas por autores como Padre Vieira e Padre Manuel Bernardes.

Vale mencionar além disso que obras eminentemente literárias dos períodos históricos selecionados, mesmo as que contém referências explícitas ao vinho, como o Rubayat, de Omar Khayyam, não foram incluídas no recorte elaborado para este trabalho.

Em meio tantas restrições, busquei abordar o sentido religioso principalmente do vinho, em termos concomitantes de perdição e salvação.

O VINHO E OUTRAS BEBIDAS ALCÓOLICAS NA ANTIGUIDADE

O que diferencia, em linhas gerais, o olhar lançado por autores gregos e romanos e por autores cristãos sobre o consumo de vinho, é a dimensão pecaminosa deste consumo, criado pelo cristianismo, baseado em uma perspectiva ascética que os autores gregos e romanos ignoraram, embora tenham recriminado o consumo excessivo.

Ainda, entre os gregos, a proibição de bebidas alcóolicas ou sua restrição poderia estar ligada a preceitos religiosos, mas poderia estar, também, ligada a questões políticas e, na Grécia, ela esteve relacionada a ambos os contextos. Foram questões políticas que fizeram que houvesse em Esparta, segundo Burckhardt (1974, p. 150), uma sensível limitação ao vinho, cujo uso era muito restrito, uma vez que a segurança estatal dependia de um estado de sobriedade permanente.

Já em uma batalha, soldados que tentaram violentar sacerdotisas de Ártemis estavam, na suposição de Pausânias (DESCRIÇÃO DA GRÉCIA: IV; 16, 7), um tanto embriagados e sem nenhum controle sobre seus atos, e quando eles insistiram no ato, inteiramente contrário aos princípios gregos segundo Pausânias, foram mortos em sua maioria.

Em uma situação como esta, mais do que a violência sexual em si, pesou a violação de interditos religiosos. O pecado não residiu na embriaguez, que entre os gregos poderia ser vista como reprovável, mas não era vista como pecaminosa. O pecado, passível de punição com a morte, residiu em suas consequências.

Da mesma forma, Bernardo de Clairvaux (*apud* CURTIUS, 1996, p. 172) censura o comportamento dos cluniacenses: “Numa refeição há de notar que uma taça quase cheia é retirada três ou quatro vezes; vários tipos de vinho são antes aspirados que bebidos; não sorvidos totalmente, mas provados, até que, depois de sagaz degustação, seja escolhido o mais forte”. A reprovação, novamente e como nas Epístolas Paulinas, não incide sobre o consumo de vinho, mas sobre seu excesso. Afinal, segundo Carneiro (2005, p. 21), “a distinção entre o bem beber e a embriaguez reprovável marcou a atitude moral desde a Antiguidade. Mesmo os que mais condenavam os prazeres carnavais, como os estoicos e os cristãos, não chegavam a condenar o vinho em si”.

A embriaguez é, portanto, o mal a ser evitado, e descrevendo sua existência entre os bárbaros, Platão (LEIS: 637e) afirma: ‘Os citas e os trácios tanto os homens como as mulheres, usam vinho sem mistura, chegando mesmo, quando bebem, a derramá-lo nas vestes, convencidos de que se trata de uma prática louvável e que dá felicidade’. Inicialmente o autor, ao contrário de meramente recusar tal prática, acrescenta:

“Mal é trazida à baila a palavra ‘embriaguez’, põe-se um a vituperá-la e outro a elogiá-la por maneira absurda. Cada uma das partes invoca testemunhas e panegiristas, e ficamos certos de haver aduzido argumento irretorquível, ou por apresentarmos muitas testemunhas ou por vermos que os abstêmios sempre vencem nos combates; mas o assunto continua controverso” (LEIS: 638d).

Mas, depois de mencionar restrições ao vinho impostas pelos cretenses, ele conclui:

“Muitas outras circunstâncias, ainda, poderiam ser mencionadas, em que a lei e o bom senso devem proibir o uso do vinho. Segundo esse raciocínio, nenhuma cidade precisará ter extensos vinhedos; as demais culturas serão dirigidas de acordo com as necessidades, devendo ser a produção do vinho, mais do que todas, moderada e restrita” (LEIS, 674d).

Já Filo de Alexandria (SOBRE OS SONHOS: II; 181), um autor situado na confluência entre judaísmo e helenismo, reprova nestes termos o ébrio: “Porque está reduzido a tal extremo, imbecil? Pois parece que seus preparativos conduzem à alegria e, na realidade, acende a chama da loucura e chega a ela grande quantidade de madeira”.

A embriaguez é, por isso, motivo de vergonha, e os macedônios, segundo Quinto Cúrcio (VIDA E AÇÕES DE ALEXANDRE MAGNO: V; VII) envergonham-se pelo fato de Alexandre ter destruído uma cidade ao estar fora de seu juízo e sob a ação violenta do vinho. E inventam ter sido tal ação deliberada.

Esta é, por fim, uma perspectiva compartilhada por diversos autores gregos, com Soares (2003, p. 277) acentuando em relação a um episódio específico narrado por Heródoto: “À semelhança do que sucede com outros exemplos nas Histórias, uma vez mais Heródoto coloca a tônica na ação nefasta do vinho sobre o comportamento de quem o consome”.

O estoicismo adotaria tal perspectiva e influenciaria, com ela, o cristianismo. Sêneca (EPÍSTOLAS MORAIS A LUCÍLIO: X; 83, 18) define a embriaguez como “uma loucura voluntária”. Para ele, o sábio não deve embriagar-se, e sim assinalar a deformidade do vício e seus inconvenientes com atos, e não com palavras (X; 18, 27). E segundo ele, “da embriaguez se empenha em nos apartar Zenão, varão excelente e fundador de nossa muito vigorosa e venerável escola” (X; 83, 9). Sêneca (X; 83, 11) distingue, porém, o ébrio, que não possui necessariamente o vício, do alcoólatra, que não consegue resistir à bebida. E descreve longamente, por fim, os efeitos físicos do consumo excessivo de bebida, tais como “a palidez e temor dos músculos impregnados de vinho” (XV; 95, 16).

O vinho, enfim, foi visto desde sempre como o sedutor por definição, com um escravo, personagem de Aristófanes (OS CAVALEIROS: 90), acentuando sua capacidade de sedução: “O vinho, atreves-te a negar-lhe a invenção? É um insulto! O vinho... que outra coisa tu poderias arranjar mais eficaz do que o vinho”?

Sedutor, o vinho, nesta situação e em outras, abre caminho para condutas sexualmente reprováveis aos olhos da moral cristã, sendo os jovens, devido a seu ardor, suas vítimas preferenciais. O vinho, na descrição de Apuleio (1963), em O Asno de Ouro, atíça o desejo sexual, o que o autor, no polo oposto ao adotado pelo cristianismo, vê como uma grande vantagem: “O efeito do vinho, acrescido do ardor e do ímpeto com os quais, não somente o meu espírito, mas os meus sentidos aspiravam à volúpia, me supliciavam”. E, consumado o ato, o narrador acrescenta: “Por vezes, pedíamos ao vinho novo ânimo para nossa lassidão, estímulo para os nossos desejos, excitantes para as nossas volúpias”. (APULEIO, 1963, O ASNO DE OURO: II; XVI)

A embriaguez, na cultura clássica, é associada à barbárie, ao comportamento de quem não pertence à civilização grega e é incapaz de refrear seus impulsos, sendo incapaz de alcançar a sabedoria. É a associação feita por Quinto Cúrcio (VIDA E AÇÕES DE ALEXANDRE MAGNO: VIII; IX), que menciona como os hindus bebem vinho em grande excesso e, quando dormem, são levados para seus leitos, em meio a hinos aos deuses noturnos. E o autor questiona como a sabedoria pode ser apreciada neste ambiente.

O vinho, enfim, produz a insensatez mesmo entre os gregos: um ditado mencionado por Xenofonte (HELÊNICAS: V; 4, 40) e utilizado para ressaltar a insensatez dos jovens tebanos dizia que estes eram homens que haviam tomado um trago a mais em pleno meio-dia.

O consumo de vinho foi elemento central nos ritos dionisiacos, estando vinculado ao êxtase que os acompanha. Neste sentido esteve ligado, igualmente, a práticas divinatórias. Mas, fora deste contexto, seu consumo poderia bloquear, inclusive, a compreensão que permite adivinhar os presságios.

Assim, no diálogo entre um rei e Apolônio de Tiana narrado por Filóstrato (VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA: II), o rei afirma que quem bebe apenas água dorme não mais que um sono ligeiro, ao passo que Apolônio afirma que quem adormece embriagado tem a impressão que foi lançado ao teto e que está debaixo da terra. Quem está embriagado não consegue compreender as profecias contidas nos sonhos. E quem está embriagado situa-se ainda, segundo ele, no limiar da loucura, acreditando ver duas luas e dois sóis.

O VINHO ENTRE OS JUDEUS, NA BÍBLIA E NA PRÁTICA CRISTÃ

Ritualmente, para os cristãos, o vinho ganhou uma dimensão sagrada, ao ser associado à Eucaristia, mas seu consumo profano foi crivado de restrições, ganhando um sentido pecaminoso inexistente ou pouco acentuado entre gregos, romanos e judeus. O vinho, afinal, foi associado pelos autores cristãos ao prazer corporal, sempre visto com profundas reservas.

Pode ser definido como exemplar em relação a tal associação o que Gurevitch (1990, p. 92) acentua em relação à Idade Média: “A oposição entre a matéria e o espírito, o corpo e a alma, incluía a antítese do ‘alto’ e do ‘baixo’. As noções espaciais eram indissociáveis das noções religiosas e morais”. Nesta distinção espacial associada aos conceitos de pecado e salvação o consumo profano do vinho situa-se na esfera do corpo, da matéria e do ‘baixo’, ao passo que seu uso ritual conduz à esfera oposta. E quando o vinho é consumido em busca do prazer, tal atitude tende a ser vista com desconfiança por autores cristãos.

Desta forma, e tomando como exemplo um dos mais rigorosos dentre estes, a importação do vinho de ultramar é, para Clemente de Alexandria (O PEDAGOGO: II; II), efeito de um gosto depravado pela intemperança, o que o leva a condenar o vinho de Quios, tido ao longo de toda a Antiguidade clássica como um dos vinhos mais sofisticados.

O vinho como prazer, contudo, também é visto como uma recompensa, quando lemos no *Eclesiastes* (9; 7): “Portanto, vá, coma com prazer e beba o seu vinho de coração alegre, pois Deus já se agradou do que você faz”. Mas o prazer tem seu preço, como também lemos no *Eclesiastes* (10; 19): “O banquete é feito para divertir, e o vinho torna a vida alegre, mas isso tudo se paga com dinheiro”.

O preço aqui mencionado não é financeiro, mas refere-se à perdição que o vinho pode, se bebido de forma imoderada, trazer para a alma. Apesar disto, o álcool, em *Provérbios* (31; 6-7) é recomendado em ocasiões específicas: “Dê bebida fermentada aos que estão prestes a morrer, vinho aos que estão angustiados; para que bebam e se esqueçam da sua pobreza, e não mais se lembrem da sua infelicidade”.

Se o consumo de vinho chega a ser recomendado no Antigo Testamento, nas Epístolas Paulinas ele é visto com sérias restrições, e se não chega a ser proibido, a moderação em seu consumo é prescrita de forma enfática. Em *Romanos* (14; 20), por exemplo, lemos o conselho: “É melhor não comer carne nem beber vinho, nem fazer qualquer coisa que leve seu irmão a cair”. E conselho semelhante é dado em *Efésios* (5; 18): “Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito”.

Em *1Timóteo* (3; 8), é recomendado ainda: “Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos”. E da mesma forma, lemos em *Tito* (2; 3): “Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom”.

O pecado, portanto, não reside no vinho, mesmo quando este é visto com desconfiança e sua abstinência é recomendada, mas em seu mau uso. O vinho, em si, não é pecaminoso, mas pode conduzir ao pecado, e tanto é assim que, em *Provérbios* (9; 5), lemos o convite: “Venham comer a minha comida e beber o vinho que preparei”. Mas, em *Provérbios* (20; 1), lemos também: “O vinho é zombador e a bebida fermentada provoca brigas; não é sábio deixar-se dominar por eles”.

Lemos ainda, em *Provérbios* (21; 17): “Quem se entrega aos prazeres passará necessidade; quem se apega ao vinho e ao azeite jamais será rico”. E por fim, em *Provérbios* (23; 31-32), lemos a advertência: “Não se deixe atrair pelo vinho quando está vermelho, quando cintila no copo e escorre suavemente! No fim, ele morde como serpente e envenena como víbora”.

O vinho é tentador. Atiça os sentidos, enfraquece a vigilância moral, conduz à libidinagem. Por isso, Santo Agostinho (CONFISSÕES: IX; 8) refere-se com aprovação ao comportamento adotado por pais que não deixavam os filhos beber sequer água à mesa, e anota a justificativa dada por eles: “Quereis agora beber água, porque não tendes vinho em vosso poder; quando vos casardes e ficardes senhoras da adega e da despensa, não mais gostareis da água, mas o hábito de beber prevalecerá”. E quando isso acontece o caminho da perdição, para autores como Santo Agostinho, está aberto.

Abundam entre os primeiros autores cristãos - mas não só entre eles - críticas ao consumo de álcool e elogios à abstinência. Dentre eles, Clemente de Alexandria (O PEDAGOGO: II; II) aconselha os jovens a absterem-se o máximo possível de vinho por não ser conveniente derramar líquido mais quente sobre uma idade fervente. E com o vinho,

acrescenta ele, os órgãos sexuais incham e se excitam impudicamente, sendo isto firme anúncio da fornicação.

O comportamento do bêbado, contudo, deriva não do vinho em si, mas de seu mau uso. Clemente de Alexandria descreve o ébrio, que desdenha da razão e se torna escravo da embriaguez. Porém, a reta razão, para o autor, aprova o vinho no inverno por causa do frio e recomenda-o para o resto do ano como remédio terapêutico para o intestino. O mal, mais uma vez, não reside no vinho, mas em seu uso.

E, mais uma vez, Santo Agostinho (CONFISSÕES: IX; 8) descreve como uma jovem que tornar-se-ia alcoólatra começou a beber: “Não o fazia por inclinação à embriaguez, mas por excessos exuberantes da juventude, que fervem sob a forma de movimentos alegres e que de ordinário se corrigem nos ânimos pueris, pela autoridade severa dos mais velhos”. A sedução do vinho é, desta forma, associada à juventude, devendo a experiência dos mais velhos agir no sentido de moderá-la e corrigi-la.

De origem pré-cristã, a imagem do vinho como sedutor seria incorporada pelo cristianismo, reaparecendo na Idade Média e ainda além. Assim, em *Courtois d'Arras*, peça do século XIII de autor anônimo, o vinho ajuda a seduzir um rapaz que passa a noite em uma taberna:

“Vai garoto, vai em frente.../ Esvaziem a taça teus lábios de mel/ Que ainda tem muito vinho no tonel.../ Vai, vai bebendo meu jovem rapaz/ Ao final, de nossa turma será” (Cena IV).

Aqui, a perspectiva pagã é oposta à perspectiva adotada pelo cristianismo e pelo judaísmo, e perspectiva está expressa, em *Habacuque* (2; 15), na seguinte advertência: “Ai daquele que dá bebida ao seu próximo misturando-a com o seu furor, até que ele fique bêbado, para lhe contemplar a nudez”.

Já a posição hostil ao consumo imoderado de bebidas alcoólicas adotada pela Igreja é ressaltada por Carneiro (2000, p. 106), que afirma: “O vinho era visto como combustível da fogueira da sensualidade”. O vinho é, neste contexto, semelhante a mulher, e na obra de diversos autores portugueses é feita tal associação.

Padre Vieira (1951, v. VIII, p. 231) retoma a associação sobre o vinho e a mulher, ao afirmar: “Em que simbolizam o vinho e a mulher, para se atribuir a ambos o mesmo poder? Simbolizam, disseram os mesmos filósofos, em que o vinho e a mulher, ambos rendem o domínio fatal sobre os homens, que lhe tiram o juízo”. Da mesma forma, escrevendo no início do século XVIII, Padre Manuel Bernardes (1949, v. III, p. 356) recomenda:

“Quem se alienou de juízo com vinho, ou cerveja, contra a doutrina do Salvador e de seus Apóstolos, se tem voto de santidade (deve querer dizer, se tens Ordens ou se é religioso), apague a culpa com quarenta dias de jejum a pão e água; se é leigo, faça penitência por sete dias”.

O vinho é associado ao descontrole e à transgressão, quando lemos em *Gênesis* (9; 20-21): “Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de sua tenda”. E, no caso de Ló, o descontrole gera o incesto planejado por suas filhas, tal como descrito em *Gênesis* (19; 34): “Ontem à noite deitei com meu pai. Vamos dar-lhe vinho também esta noite, e você também se deitará com ele, para que preservemos a linhagem do nosso pai”.

Mas vinho e sabedoria não são, necessariamente, elementos irreconciliáveis, havendo também a tentativa de mantê-los reunidos, como lemos em *Eclesiastes* (2; 3): “Decidi entregar-me ao vinho e à extravagância, mantendo, porém, a mente orientada pela sabedoria. Eu queria saber o que vale a pena, debaixo do céu, nos poucos dias da vida humana”.

O vinho gera, portanto, a insensatez, e a insensatez torna os bebedores rebeldes; hostis à vontade divina. O comportamento rebelde dos israelitas é descrito em *Oséias* (4;18): “Mesmo quando acaba a bebida, eles continuam em sua prostituição; seus governantes amam profundamente os caminhos vergonhosos”. E ainda, açulados pelo vinho, os poderes terrenos ignoram o poder de Deus, com o castigo tornando-se inexorável. Lemos, então, em *Oséias* (7; 5): “No dia da festa de nosso rei os líderes são inflamados pelo vinho e o rei dá as mãos aos zombadores”.

Trata-se, portanto, de tópico aceito nos universos judaico-cristão e greco-romano. O álcool é inimigo da sabedoria, gera a insensatez, produz comportamentos socialmente ou religiosamente inaceitáveis, é inimigo das normas sociais, faz surgir o esquecimento, o que levaria, na primeira metade do século XVI, Juan Luis Vives (INTRODUÇÃO À SABEDORIA: Capítulo Quinto) a alertar: “O vinho é sepultura da memória”.

Fazendo tudo isto, o álcool pavimenta a estrada para a perdição; tópico diversas vezes reiterado nos textos bíblicos, mas também em textos literários.

São João Batista brada na narrativa de Flaubert (1974, p. 120): “Ai do povo e dos traidores de Judá! Ai dos bêbados de Efraim! Ai daqueles que habitam o vale gordo, e que os vapores do vinho fazem cambalear”! O consumo de vinho é associado à prosperidade, mas a uma prosperidade pecaminosa, oposta aos preceitos religiosos. O vinho consumido neste contexto é o vinho dos infiéis, e este vinho, segundo o *Deteronômio* (32; 33) é maldito: “O vinho deles é a peçonha das serpentes, o veneno mortal das cobras”.

Mas é preciso não limitar o consumo de vinho a seu sentido literal. O vinho ganha um sentido simbólico, associado à ira do Senhor. Representa-a e seu consumo- assim como o consumo do vinho na Eucaristia traria a salvação- traz a perdição enviada por Deus. O cálice, em *Jeremias* (25; 15), traz o vinho da ira do Senhor: “Quando o beberem, ficarão cambaleando, enlouquecidas por causa da espada que enviarei contra eles”. O vinho representa, então, a escolha de caminhos contrários à lei divina e, por isto, ainda em *Jeremias* (51; 8), este vinho enlouquece: “A Babilônia era um cálice de ouro nas mãos do Senhor, ela embriagou a terra toda. As nações beberam o seu vinho; por isso enlouqueceram”.

Da mesma forma, lemos em *Isaías* (51; 17): “Desperte, desperte! Levante-se, ó Jerusalém, você que bebeu da mão do Senhor o cálice da ira dele, você que engoliu até a última gota, da taça que faz os homens cambalearem”. E, igualmente, lemos em *Zacarias* (12; 2): “Farei de Jerusalém uma taça que embriague todos os povos ao seu redor, todos os que estarão no cerco contra Judá e Jerusalém”.

A destruição da videira, em *Salmos* (80; 16), é também símbolo de castigo: “Sua videira foi derrubada; como lixo foi consumida pelo fogo”. E, em *Jeremias* (13; 13), a embriaguez surge como sinônimo de perdição nas palavras do Senhor: “Farei com que fiquem totalmente embriagados todos os habitantes desta terra, bem como os reis que se assentam no trono de Davi, os sacerdotes, os profetas e todos os habitantes de Jerusalém”.

Ao mesmo tempo alvos da ira de Deus e por ela enlouquecidos, os bêbados, em *Joel* (1; 5), serão condenados: “Acordem, bêbados, e chorem! Lamentem-se todos vocês, bebedores de vinho; gritem por causa do vinho novo, pois ele foi tirado dos seus lábios”. E *Isaías* (5; 22) igualmente adverte: “Ai dos que são campeões em beber vinho e mestres em misturar bebidas”.

Já o castigo para quem oprime os pobres é descrito por *Amós* (5; 11): “Por isso, embora vocês tenham construído mansões de pedra, nelas não morarão; embora tenham plantado vinhas verdejantes, não beberão do seu vinho”.

Por fim, se a prosperidade dos bêbados é definida como pecaminosa e representa a riqueza gerada pelo pecado, estando, por isso, condenada a ser punida pelo Senhor, tal punição representa o fim da prosperidade, simbolizada, em *Jeremias* (48; 33), pelo desaparecimento do vinho: “A alegria e a satisfação se foram das terras férteis de Moabe. Interrompi a produção de vinho nos lagares. Ninguém mais pisa as uvas com gritos de alegria; embora haja gritos, não são de alegria”.

Os ricos serão punidos com a escassez, e a escassez profetizada é associada à ausência de vinho, associado, também, em *Miquéias* (6; 15), à graça divina que é negada aos

que a negam: “Vocês plantarão, mas não colherão; espremerão azeitonas, mas não se ungirão com o azeite; espremerão uvas, mas não beberão o vinho”.

Ao mesmo tempo em que simboliza a prosperidade, o vinho, ao desaparecer, simboliza a miséria, com a videira surgindo, em *Jeremias* (2; 21), como promessa irrealizada: “Eu a plantei como uma videira seleta, de semente absolutamente pura. Como, então, contra mim, você se tornou uma videira degenerada e selvagem”? E, em *Isaías* (5; 2), a promessa igualmente frustrou-se: “Ele esperava que desse uvas boas, mas só deu uvas azedas”.

Mas, se o vinho representa a perdição e a punição, ele representa também a salvação. A prosperidade, em *Ezequiel* (28; 26), é associada à abundância de vinho e à vinha que floresce, sendo a prosperidade futura de Israel associada aos vinhedos: “Eles viverão ali em segurança, construirão casas e plantarão vinhas; viverão em segurança quando eu castigar todos os seus vizinhos que lhes fizeram mal”.

Já os infiéis, em *Isaías* (56; 12), descrevem o futuro que os espera: “Venham’, cada um grita, ‘tragam-me vinho! Bebamos nossa dose de bebida fermentada, que amanhã será como hoje, e até muito melhor”. *Isaías* (24;7), porém, descreve a terra devastada pelo Senhor: “O vinho novo vai-se, e a videira murcha; todos os que se divertiam, gemem”.

Mas *Isaías* (25; 6) descreve também o local destinado aos justos: “Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido com carnes suculentas e o melhor vinho”. E neste local o vinho é associado por *Isaías* (65;21) à prosperidade: “Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto”.

A glória futura de Israel é associada, em *Oséias* (14; 7) ao vinho: “Os que habitavam à sua sombra voltarão. Reviverão como o trigo. Florescerão como a videira e a fama de Israel será como o do vinho do Líbano”. Associação que encontra-se presente também em *Joel* (3;18): “Naquele dia os montes gotejarão vinho novo; das colinas manará leite; todos os ribeiros de Judá terão água corrente”. E o vinho, em *Miqueias* (4; 4) ganha um sentido milenarista: “Todo homem poderá sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e ninguém o incomodará, pois assim falou o Senhor dos Exércitos”.

Mas é preciso tomar cuidado, uma vez que falsos profetas também associam enganosamente o vinho à fartura, o que lemos em *Miqueias* (2; 11): “Se um mentiroso e enganador vier e disser: ‘Eu pregarei para vocês fartura de vinho e de bebida fermentada’ ele será o profeta deste povo”!

O vinho transforma-se, então, em símbolo da redenção, e este sentido surge também em *Zacarias* (3;10): “Naquele dia, declara o Senhor dos Exércitos, cada um de vocês convidará seu próximo para assentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira”.

No *Deuteronômio* (7; 13) são expostas as bênçãos da obediência ao Senhor: “Ele os amará, os abençoará e fará com que vocês se multipliquem. Ele abençoará os seus filhos e os frutos da sua terra, o cereal, o vinho novo e o azeite, as crias das vacas e das ovelhas, na terra que aos seus antepassados jurou dar a vocês”. São bênçãos, portanto, ligadas à fertilidade da natureza e à reprodução humana.

Fazendo parte dessas bênçãos, a videira, assim como Dioniso - e assim como todo deus cujo culto possui raízes em ritos agrários- é igualmente associada à reprodução humana, o que evoca, também, em *Salmos* (128; 3), a existência primordial de tais ritos: “Sua mulher será como videira frutífera em sua casa, seus filhos serão como brotos de oliveira ao redor da sua mesa”.

O vinho representa, portanto, a prosperidade advinda da aliança de Israel com o Senhor, e o cálice, em *Salmos* (116; 13), é associado à salvação, quando lemos: “Erguerei o cálice da salvação e invocarei o nome do senhor”. Mas, em *Apocalipse* (16; 19), o cálice derrama sofrimento: O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua”.

Também a aliança celebrada por Cristo toma, em *Marcos* (14; 23-24), o vinho como símbolo: “Em seguida tomou o cálice, deu graças, ofereceu-o aos discípulos, e todos beberam. E lhes disse: ‘Isto é o meu sangue de aliança, que é derramado em favor de muitos’”. A aliança proposta pelo vinho significa, portanto, a salvação, mas representa também o sofrimento a ser vivido em busca da salvação, o que leva Jesus, em *Mateus* (20; 2) a perguntar a seus discípulos: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber”?

Em *Apocalipse* (14; 8), o vinho também é associado à Babilônia: “Um segundo anjo o seguiu dizendo: ‘Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição’”. E o vinho é, por fim, em *Deuteronômio* (28; 39), associado às maldições da desobediência: “Plantarão vinhas e as cultivarão, mas não beberão o vinho nem colherão as uvas, porque os vermes a comerão”.

A embriaguez provocada pelo vinho é, igualmente, de ordem mística, representando, em *Jeremias* (23; 9), a possessão dos fiéis pelo sopro divino e sendo provocada pela palavra do Senhor: “Sou como um bêbado, como um homem dominado pelo vinho, por causa do Senhor”. E, em *Salmos* (78; 65), chega a ser contraposta à embriaguez real, esta sim

associada à perdição: “Então o Senhor despertou como que de um sono, como um guerreiro despertado do domínio do vinho”.

Possui, portanto, um sentido metafórico, expresso por diversos autores cristãos. Embriagar-se_ mas não de vinho e sim da palavra de Deus_ significa uma experiência mística, e o vinho é utilizado por Mestre Eckhart (2006, v. I, p. 301), no século XIV, para criar uma imagem carregada de misticismo:

“Se alguém tomasse uma jarra de água e a levasse junto a e sobre um grande tonel de vinho, o vinho daria à água força, natureza e cor de vinho. Se o vinho é vermelho, a água também se torna vermelha; se é branco, também ela se torna branca e se torna vinho. Isso vem do vapor ou do odor do vinho. Isso, o que significa? Uma acertada enunciação! Como o vapor do vinho penetra na jarra da água, do mesmo modo a força de Deus penetra na alma. Quem quer tornar-se conforme a Deus deve subir para o alto como todo o seu desejo”.

Da mesma forma, Santo Agostinho (COMENTÁRIO AO SALMO 74: 12-14) questiona:

“E então? Pensais, meus irmãos, que confessaram Cristo até a morte, estavam sóbrios? Estavam tão ébrios que não conheciam mais os seus. Os seus parentes, que se esforçaram por meio de carícias para tirar-lhes a esperança dos prêmios eternos, não foram reconhecidos nem outros por estes ébrios. Não eram ébrios aqueles cujo coração se transformará? Não eram ébrios aqueles cuja mente se tornava alheia às coisas deste mundo?”

Também a fartura descrita nos *Salmos* (36; 8) é de ordem mística: “Eles se banqueteiam na fartura da tua casa; tu lhes dá de beber do teu rio de delícias, pois em ti está a fonte da vida; graças à tua luz, vemos a luz”.

Se o vinho, na esfera terrena, produz a desordem, a insensatez e a perdição, na esfera espiritual ele representa o conhecimento e a passagem para um novo mundo, ao passo que, na Eucaristia, representa o contato com este mundo. E também a fermentação da bebida dá ao espírito, em termos simbólicos, a capacidade de ultrapassar seus limites, representando, ela própria, a transmutação e o amadurecimento da matéria. Em ambos os casos temos um sentido simbólico ligado à produção e consumo da bebida alcóolica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O VINHO NA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES – ENTRE O ÊXTASE E O PECADO

No mundo muçulmano, segundo Hill e al-Hassan (1986, p. 231), vinhos e cervejas eram produzidos em alguns locais, especialmente onde havia concentrações de comunidades

cristãos. Mas, apesar disto, o vinho era e é proibido entre os muçulmanos, embora o vinagre dele proveniente fosse largamente consumido. Lemos, então, no *Alcorão* (2; 219): “Interrogar-te-ão sobre o vinho e os jogos de azar. Responde: “Neles há culpa grave e alguma utilidade para os homens. Mas neles, a culpa é maior que a utilidade”.

O álcool torna impuro quem pretende participar de rituais religiosos, o que, no *Alcorão* (4; 43), gera a exortação: “Ó vós que credes, não vos aproximeis da oração enquanto ébrios, até que saibais o que dizeis, ou maculados até que vos laveis, salvo quando estiverdes em viagem”.

Vinhos, jogos e adivinhações são, enfim, definidos como demoníacos: “Ó vós que credes, o vinho, os jogos de azar, os ídolos e as flechas da adivinhação são obras repugnantes do demônio. Evitai-os” (5; 90). E a ingestão do vinho e a embriaguez - proibidas no *Alcorão* - terminaram sendo ampliada por juristas subsequentes, que nelas incluíram as demais bebidas alcoólicas, bem como os narcóticos.

Com isso, surgiram substitutos do álcool, e Bouhdiba (2006, p. 272) salienta a importância das bebidas gasosas no Islamismo: “A gasosa é o equivalente islâmico do vinho. À sua maneira, é um elixir da juventude. Refrescante, agradável, ela é sobretudo procurada pelo arroto que estimula”. E isto a partir de outra preocupação: “O arroto, e isso não deixou de chocar os ocidentais, é constitutivo de uma verdadeira arte de viver. Um bom arroto é considerado como o signo de uma boa refeição, e o início feliz de uma digestão sem maiores problemas”.

Já no hinduísmo, ingerir bebidas alcoólicas constitui um dos cinco pecados capitais, junto a matar um brâmane, profanar a cama de um guru, roubar o ouro de um brâmane e associar-se a um pária. A associação entre álcool e pecado não é, portanto, prerrogativa do cristianismo, sendo a proibição total ou parcial do consumo de bebidas alcólicas norma vigente em diversas religiões, o que não exclui, entretanto, seu uso ritual em religiões que restringem seu consumo, sendo o cristianismo o exemplo mais evidente.

Pode-se concluir que entre as bebidas alcoólicas, a partir das obras analisadas, considerando as diversas regiões e o vasto período históricos selecionado, coube ao vinho, principalmente, o papel de bebida sagrada, o que se deu em relação ao cristianismo, ao judaísmo e às religiões greco-romanas, com o cristianismo sendo o herdeiro ritual desta condição.

Foi dado ao vinho, também, o sentido simbólico de salvação, embora o cristianismo, a partir da dimensão ascética que sempre foi muito pronunciada em seu âmbito, associá-lo também à perdição, a partir do desregramento absoluto de todos os sentidos que Rimbaud mencionaria e louvaria quase dois mil anos depois.

Tomando o vinho como referência simbólica, a perspectiva adotada pelo ascetismo cristão é radicalmente oposta.

REFERÊNCIAS

O ALCORÃO. São Paulo, Editora Acigi, s.d.

APULEIO. *O asno de ouro*. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.

ARISTÔFANES. *Os cavaleiros*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964

BERNARDES, Padre Manuel. *Nova Floresta*. Porto: Lello & Irmão, 1949

BÍBLIA. São Paulo: Editora Alfalit Brasil, 2000

BOUHDIBA, Abdelwahab. *A sexualidade no Islã*. Rio de Janeiro, Globo, 2006

BURCKHARDT, Jacob. *Historia de la cultura griega*. Barcelona, Editorial Iberia, 1974

CARNEIRO, Henrique. *A igreja, a medicina e o amor: prédicas moralistas na época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo, Xamã, 2000

CARNEIRO, Henrique. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. *História: questões e debates*, n. 42. Curitiba, UFPR, 2005

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O pedagogo*. Madrid, Gredos, 1982

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. São Paulo, EDUSP/HUCITEC, 1996

FILO DE ALEXANDRIA. *Sobre os sonhos*. Madrid, Gredos, 1983

FILÓSTRATO. *Vida de Apolônio de Tiana*. Madrid, Gredos, 1982

FLAUBERT, Gustave. *Três contos*. São Paulo, Editora Três, 1974

GUREVITCH, Aron I. *As categorias da cultura medieval*. Lisboa, Caminho, 1990

HILL, Donald R. & al-Hassan, Ahmad Y. *Islamic technology: an illustrated history*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986

MESTRE ECKHART. *Sermões alemães*. Bragança Paulista; Petrópolis, EDUSF; Vozes, 2006

PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*. Madrid, Gredos, 1982

PLATÃO. *Leis*. Belém: EDUFPA, 2007

QUINTO CURCIO. *Vida e ações de Alexandre Magno*. Madrid, Gredos, 1982

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo, Abril Cultural, 1979

SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos*. São Paulo, Paulinas, 2007

SÊNECA. *Epístolas morais a Lucílio*. Madrid, Gredos, 1982

SOARES, Carmen Isabel. *A morte em Heródoto: valores universais e particularismos étnicos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2003

VIEIRA, Padre Antonio. *Sermões*. Porto, Lello & Irmãos, 1951

VIVES, Juan Luís. Introdução à Sabedoria, *Moralistas Espanhóis*, vol . XI , São Paulo, Clássicos Jackson, 1949.

XENOFONTE. *Helênicas*. Madrid, Gredos, 1982